

Zwischen den Rassen: uma questão identitária ZwischenWeltenSchreiben

Fernanda Boarin Boechat¹

Titel: *Zwischen den Rassen: eine Identitätsfrage ZwischenWeltenSchreiben*

Title: *Zwischen den Rassen: a question of identity ZwischenWeltenSchreiben*

Palavras-chave: Heinrich Mann; identidade; cultura; discurso literário.

Schlüsselwörter: Heinrich Mann, Identität, Kultur; literarischer Diskurs.

Key-words: Heinrich Mann, identity, culture, literary discourse.

Em vista da questão identitária de Lola Gabriel, protagonista de *Zwischen den Rassen* (1987) de Heinrich Mann, romance publicado pela primeira vez em 1907, trataremos aqui da possível relação entre literatura e construção de cultura, assim como de problematizações literárias que evocam problematizações humanas que se dão no mundo da vida, aqui entendido no sentido de *Lebenswelt* segundo Jürgen Habermas².

Nesse sentido, o romance *Zwischen den Rassen* será aqui observado em vista da convivência entre as culturas brasileira e alemã e em que medida essa convivência literariamente representada suscita reflexões no mundo da vida, em especial na sociedade brasileira e alemã, a partir da recepção do romance. A respeito da questão identitária de Lola Gabriel, ademais, dialogaremos com reflexões de Ottmar Ette na obra *ZwischenWeltenSchreiben: Literaturen ohne festen Wohnsitz* (2005).

Primeiramente, é preciso observar que quando tratamos do discurso literário, lidamos com o produto de uma comunidade discursiva. Tratamos de um produto que também integra essa comunidade discursiva enquanto voz que se manifesta sobre ela e seus temas; não como algo isolado dessa comunidade ou como um objeto em vias solipsistas, mas sim como voz ativa de um sujeito que integra uma comunidade, que fala da mesma e para a mesma. Além disso, esse produto literário, mesmo que possa ser

¹ Doutoranda em Estudos Literários no Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná; Email: fernandaboecat@gmail.com

² Mundo da vida compreendido como *Lebenswelt* segundo o filósofo alemão Jürgen Habermas, ou seja, o espaço social das relações humanas.

observado como um objeto que fala de si, estabelece também um diálogo com outros textos e com outros discursos e comunidades discursivas, trazendo à tona exposições sobre outros assuntos, desencadeando uma teia de associações diversas.

Segundo Habermas, a prática comunicativa do cotidiano não é monológica, mas sim um empreendimento cooperativo, um processo intersubjetivo. Além disso, exige-se dos falantes uma compreensão linguística e participação no mundo. A literatura, assim, uma vez que é um objeto formal constituído pela linguagem natural, passa a ser mais um elemento de dicção que pode integrar este discurso, de modo que acreditamos ser possível considerá-la como parte da construção da ideia de cultura. Para desenvolvermos tal entendimento, trataremos a seguir do conceito de cultura e a partir daí dialogaremos com a questão identitária de Lola Gabriel no romance.

O conceito de cultura pode ser entendido relacionado à ideia de natureza e de essência. Nesse sentido, a cultura seria algo que já existe previamente. Por outro lado, a cultura também pode ser entendida relacionada à autonomia do indivíduo. Nesse caso, o indivíduo representa um papel, ou seja, representa-se um papel na sociedade e por isso cada sujeito influenciaria na construção de uma sociedade e de sua cultura.

A primeira ideia de cultura relaciona-se a aspectos políticos que, por sua vez, foram determinantes para a instituição dos Estados Nações. Nesse processo intencionava-se construir uma unidade, de modo que o conceito de cultura segundo a ideia de natureza e essência foi fundamental. Para tanto, teve-se como instrumentos uma língua oficial, a delimitação de um território específico, uma religião; assim como com o auxílio da fundação de museus, da história enquanto disciplina instituída na educação básica e também a literatura. Nesse sentido, o historiador Benedict Anderson (2008) trata os Estados Nação como comunidades imaginadas, de modo que a ideia de cultura estaria muito mais próxima de algo imaginado do que da ideia de natureza e essência.

O conceito de cultura que considera a autonomia do indivíduo, volta-se também à relação entre indivíduo e coletivo. Esse conceito mais amplo de cultura tornou-se mais forte nas duas últimas décadas, de modo que passou-se a considerar as ideias de heterogeneidade, hibridicidade e abertura das culturas. Enquanto que o conceito de cultura ligado à essência conserva a homogeneidade, o segundo mostra em vista da autonomia do indivíduo diferentes formas de vida. Quando a cultura significa natureza e essência, a identidade é vista como fixa e imutável. Com isso, tem-se por exemplo a criação de estereótipos nacionais e regionais que caracterizariam um padrão cultural. Observa-se, por outro lado, a autonomia do indivíduo, e então se tem uma perspectiva

muito diferente não só de cultura mas também de identidade, de modo que agora trata-se de uma constante negociação entre indivíduo e coletivo. A identidade não é vista como um elemento imutável, mas sim como um processo. A partir dessa perspectiva, a identidade se apresenta como um processo identitário, que revela heterogeneidade, hibridicidade e abertura, frutos de um mundo compartilhado pelos sujeitos e das problematizações humanas que se dão nesse meio social.

A partir de tais considerações e da nossa aproximação da segunda ideia de cultura e identidade apresentadas, trataremos da questão identitária da personagem Lola Gabriel no referido romance de Heinrich Mann.

O romance de Mann apresenta-se como uma espécie de romance de formação feminino, em que temas como território, nação, política, gênero e raça são discutidos. A protagonista do romance, a menina Lola, é filha de uma brasileira e de um fazendeiro alemão e nascida no Brasil, onde passou seus primeiros anos da infância. Ainda quando criança, ela foi levada pelo pai para a Alemanha para que se tornasse uma alemã. Como imigrante na Alemanha, mas também na Europa, já que no decorrer da narrativa muda-se para a Itália, ela constantemente procura encontrar uma posição. Segundo Gabriele Dürbeck (2007: 9), o desenvolvimento de Lola segue “um caminho cheio de dor, humilhação e submissão patriarcal, mas também de revolta ativa e uma vagarosa determinação da própria identidade.”³

Segundo nosso entendimento, a questão identitária de Lola Gabriel baseia-se em três aspectos que se relacionam entre si: raça, gênero, nação. Estes três elementos relacionam-se à ideia de cultura e se complexificam ainda mais se consideramos que a personagem vive um constante processo de identificação ao longo do romance, oscilando entre a identificação ora com a cultura brasileira ora com a alemã.

Assim, tanto a ideia de uma identidade inclusiva, como também a de uma identidade exclusiva, no sentido de Aleida Assmann (2011: 217), desempenham um importante papel no romance. Assim, a identidade inclusiva – que corresponde à aceitação de um papel social e da aquisição da identidade através do desenvolvimento de um sentimento de pertencimento – e a identidade exclusiva – que se distingue através da marcação de uma diferença entre o próprio eu e todos os outros papéis sociais antes formulados – são sentidas por Lola no Brasil e na Alemanha.

³ Todos os trechos de textos em língua alemã citados aqui em língua portuguesa são traduções nossas.

Já no começo da narrativa são destacados a cor do cabelo de Lola e o de seu pai, assim como as diferenças físicas:

[...] era como todas as outras crianças – mas não, na realidade. Era-se mais nobre. Tinha-se cabelos louros; nem o Nene os tinha; e a negra Anna sentia orgulho e não se cansava de fazer caixinhos nesses cabelos. Tinha-se também um papai louro: quem mais o tinha? Quando ele vinha até a ilha dos avós para visitar e ficava-se ao redor de suas mãos: era sério e muito maior que os outros [...]. (MANN 1987: 12)

Contudo, as lembranças preferidas de Lola eram as do Brasil, de modo que uma forte identificação da protagonista com o país que se destaca no romance. Assim, desde quando foi levada à Alemanha, ela já encontrava dificuldades em se identificar como uma alemã.

A nacionalidade e a identificação são mencionadas de forma freqüente no romance com relação à ideia de sangue. Nesse sentido, Lola seria sim alemã, mas não totalmente, já que ela é filha de uma brasileira. A nosso ver, contudo, a questão identitária de Lola é relativizada referindo-se a dois conceitos de cultura: o sangue – e então com base na ideia de natureza e essência – e a identificação – já que ela seria preferencialmente brasileira e se identifica, portanto, mais com o Brasil, independentemente do sangue que corre em suas veias.

Em uma passagem do romance, na qual Jenny – uma colega de internato de Lola – havia acabado de cantar, Lola faz o seguinte comentário, seguido de um diálogo entre as duas:

- Isso é de mau gosto para além da conta! [diz Lola]
 [...]
 A filha de um parlamentar do *Reichstag* disse:
 - Foi muito alemão.
 - Foi de mau gosto! – Lola disparou. – E se foi alemão, então foi algo alemão de muito mau gosto!
 [...] Do outro lado veio mais uma provocação:
 - Afinal, você é mesmo brasileira!
 - Se fosse isso, ao menos – esquivou-se a filha do parlamentar. – Mas ela é nada: ela é...
 E forçando-se a pronunciar a palavra, torcendo o nariz, disse entre os dentes:
 - Internacional! (MANN 1987: 45-46)

Aqui, a palavra internacional é mencionada pejorativamente, como se Lola não fosse nada determinado e não possuísse, portanto, característica alguma suficientemente clara a respeito de sua cultura. A nosso ver, Lola vivencia tal movimento ao longo de

todo o romance, não somente quando ela está na Alemanha, mas também no período em que vive na Itália, para onde viaja após a chegada da mãe à Alemanha.⁴

Ao longo do tempo em que Lola passa com a mãe na Itália, ela vivencia um processo de identificação relacionado a seus dois pretendentes: o italiano Pardi e o alemão Arnold. Nesse momento da narrativa, as percepções de Lola por meio de processos de identificação são apresentadas de forma clara. A relação entre Lola e Pardi revelam características da identidade brasileira da protagonista, como se fosse possível fazer um paralelo entre Brasil e Itália no período de sua vida adulta, de modo que as características culturais da Itália trazem à tona suas raízes brasileiras. Assim, características da cultura italiana são postas em diálogo com características da cultura brasileira, como o temperamento de Pardi e determinadas mentalidades e formas de vida italianas, especialmente aquelas voltadas ao lugar da mulher na sociedade. Por outro lado, tem-se a relação de Lola e Arnold, que evoca as identificações de Lola com a cultura alemã.

Tal relação pendular – entre Lola e Pardi e Lola e Arnold – representa em grande medida o processo identitário de Lola no romance, já que ela é colocada constantemente em situação de alteridade, revelando traços de sua personalidade ligadas às culturas brasileira e alemã, assim como dificuldades em se aceitar determinadas identificações.

Um outro aspecto que nos chama atenção quanto à personagem, é que Lola alcança sua independência apenas quando sua mãe chega à Alemanha o que permite que inicie sua carreira como artista, a saber, como cantora de ópera. Assim, é através da carreira, e portanto da arte, que ela se torna independente de sua tutora alemã Erneste, cujo vínculo se dá desde o ingresso no internato alemão, mas especialmente após a morte do pai.

Até tal momento da narrativa, porém, não se dá uma emancipação propriamente dita, já que ela vai viver também uma submissão patriarcal por parte da mãe e de Pardi. A emancipação final parece indicada somente junto a Arnold, o companheiro alemão. Nesse sentido, para além das possíveis discussões em vista da posição da mulher na sociedade alemã em contraposição às sociedades brasileira e italiana, seria possível investigar se a relação amorosa também representa a possibilidade de fundação de uma

⁴ Em diálogo com o processo identitário referido podemos dialogar com o conceito de identidade múltipla de Aleida Assmann (2011: 220).

família, de modo que a família representaria no romance um enraizamento, em contraposição ao desenraizamento de Lola descrito até então na narrativa.

Tais problematizações literárias com relação à questão identitária de Lola são observadas também em paralelo com as memórias de Julia Mann – publicada inclusive em *Ich spreche so gern mit meinen Kindern* (2000), e na tradução brasileira *Cartas e esboços literários* (1993) –, já que passagens do romance indicam para uma relação estreita com as mesmas, em especial no primeiro capítulo em que é possível encontrar inclusive trechos inteiros praticamente transcritos.

A partir de tais apontamentos, acreditamos ter um exemplo concreto de como a ficção pode se atrelar ao mundo da vida, de modo que a partir da recepção do romance – seja na Alemanha ou no Brasil – evoca-se através da personagem Lola a história de Julia Mann e suas relações com a Alemanha e o Brasil.

Em vista de tal discussão, a pesquisa de Ottmar Ette (2005) nos parece produtiva, especialmente em vista do conceito literatura sem moradia fixa ou *Literatur ohne festen Wohnsitz*. Tal conceito não deve se confundir com a ideia de literatura de migração ou literatura de exílio. Trata-se de uma literatura na qual se apresentam dinâmicas transareais, transculturais e translinguais.

Em *Zwischen den Rassen*, o Brasil é um aspecto da realidade que se repete no texto literário e é transformado dessa forma em símbolo. Como realidade ele devolve ao texto literário um discurso sobre esse Brasil real através do imaginário. Nesse sentido, é também através da ação do imaginário que dinâmicas transareais, transculturais e translinguais evidenciam aspectos culturais brasileiros e alemães e são postos em diálogo. Segundo este entendimento, fatores políticos, históricos e sociais, entre outros, também podem ser problematizados a partir da leitura do romance.

Um exemplo de dinâmica transareal seria a viagem de Lola a Itália, quando ela se lembra da viagem do Brasil à Alemanha e viaja então em “águas familiares” (MANN 1987: 108):

Os passageiros reuniam-se; era uma festa; - e aí Lola viu em pensamento uma criança pressionada entre as pessoas e com elas a vibrar de alegria: reconheceu a si mesma, como foi outrora na sua primeira viagem ao mar, e espreitou a si mesma, essa criança ingênua, contente e atroz, com menosprezo, nostalgia e vestígios de pavor. (MANN, 1987: 102)

Assim, os movimentos atuais da personagem narradora retomam os movimentos de outrora e indicam para os que virão. Logo após tal lembrança, Lola percebe como mudaram suas percepções sobre as pessoas na vida adulta:

Isso é uma insanidade. Quando eu viajei para Europa as pessoas a bordo pareciam ser completamente amáveis, que apenas intencionavam alegria uma com as outras. A verdade é outra; ah, tudo o que eu leio agora nos rostos daquelas que viam as arraias morrerem! (MANN 1987: 102)

Uma outra dinâmica que identificamos no romance é a dinâmica translingual, representada pelo uso da palavra *Mai*, que se refere a palavra *Mutter* no romance, e que em português é grafada mãe. Além disso, diferentemente do que em língua portuguesa, a palavra *Mai* é escrita sempre com letra maiúscula, assim como todos os substantivos em língua alemã. O mesmo acontece com a palavra *Pai*, escrita como em português mas em maiúscula e que se refere a *Vater*, e *Nenê*, escrita em português sem o acento e que se refere a palavra alemã *Baby*.

Além disso, em carta de Julia Mann⁵ a seu filho Heinrich Mann, tem-se a referência de Julia a si mesma como *Mai*, o que a nosso ver indica para a convivência das culturas alemã e brasileira na vida de Julia Mann, bem aproveitada por Heinrich Mann em *Zwischen den Rassen*. Por fim, vale observar que dinâmicas transareais e tranlinguais também dialogam com dinâmicas transculturais, já que podem suscitar problematizações políticas, históricas, sociais, entre outras.

O romance *Zwischen den Rassen*, segundo a abordagem que propomos, indica para uma ideia mais ampla do conceito de cultura, a qual ganha maior atenção nas duas últimas décadas e que se volta para a heterogeneidade, hibridicidade e abertura de cultura, que nos referimos anteriormente. Dessa forma, no sentido de que um texto literário é voz em uma sociedade, tais problematizações culturais vêm à tona através da recepção, tanto na Alemanha (onde o romance foi publicado originalmente), como no Brasil (através da recepção em língua alemã ou da futura tradução). Tais aspectos ganham ainda relevância quando se pensa em que medida poderia a cultura brasileira, através de Julia Mann, ter influenciado a obra literária da família. A esse respeito, nas palavras de Thomas Mann (2013: 68), temos: “Também sempre estive consciente do

⁵ MANN, Julia. [Carta] 19 mar. 1908, [para] MANN, Heinrich, p. 3. Disponível no Deutsches Literaturarchiv Marbach (DLA) – Arquivo Literário Alemão de Marbach.

sangue latino-americano que pulsa em minhas veias e bem sinto o quanto lhe devo como artista.”

Por fim, ainda em diálogo com Aleida Assmann (2011: 18-19), vale mencionar que ciência e técnica são parte de uma cultura assim como poesia e imaginação. Ou ainda, em diálogo com Ottmar Ette, trata-se de uma discussão que mostra como a ciência literária – ou *Literaturwissenschaft* – está atrelada à ideia de conhecimento da vida – ou *Lebenswissen* –, enfatizando a pertinência, senão necessidade, de diálogo entre a pesquisa em literatura e a pesquisa em outras áreas de conhecimento.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict: *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASSMANN, Aleida. *Einführung in die Kulturwissenschaft. Grundbegriffe, Themen, Fragestellungen*. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 2011.

DÜRBECK, Gabriele. “Rassismus und Kosmopolitismus in Heinrich Manns Zwischen den Rassen”. In: MARTIN, Ariane; WISSKIRCHEN, Hans. *Heinrich – Mann – Jahrbuch*, Bd. 25, 2007.

ETTE, Ottmar: *ZwischenWeltenSchreiben: Literaturen ohne festen Wohnsitz*. Berlin: Kulturverlag Kadmos, 2005.

HABERMAS, Jürgen: *Consciência moral e agir comunicativo*. Trad. Guido A. De Almeida. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2003.

KUSCHEL, Karl-Josef; MANN, Frido; SOETHE, Paulo Astor: *Mutterland. Die Familie Mann und Brasilien*. Düsseldorf: Artemis & Winkler Verlag, 2009.

MANN, Heinrich: *Zwischen den Rassen*. Frankfurt/M.: Fischer, 1987.

MANN, Julia: *Ich spreche so gern mit meinen Kindern. Erinnerungen, Skizzen, Briefwechsel mit Heinrich Mann*. 3 ed. Rosemarie Eggert (ed.). Berlin: Aufbau, 2000.

_____: *Cartas e esboços literários*. Trad. Claudia Baumgart. São Paulo: Ars Poética, 1993.

MANN, Julia. [Carta] 19 mar. 1908, [para] MANN, Heinrich. Disponível em: Deutsches Literaturarchiv Marbach (DLA).